

Para onde a política exterior?

Roberto Mangabeira Unger

Finalmente, debate-se política exterior no Brasil. Sinal de avanço: a política externa de uma democracia é assunto de toda a Nação. A discussão, porém, ameaça tomar rumo prejudicial a nossos interesses duradouros.

Transmite-se, de muitas maneiras diferentes, a mesma mensagem: o eixo Sul-Sul, que a atual política brasileira se dedica a construir, sacrificaria as relações com os países ricos, a começar pelos Estados Unidos, onde se concentrariam nossos interesses atuais e futuros. Deixemos em segundo plano, exigem os críticos, a mania da construção sul-americana e a tese da aproximação com os outros países continentais em desenvolvimento para dar primazia novamente às relações com os poderosos e os endinheirados.

A crítica revela a confusão, tradicional no Brasil, entre comercialismo estreito e realismo político no trato da política exterior. País que tenha ou que queira ter envergadura não se deixa cair em tal confusão.

Realismo político é entender que só ganhamos força nas negociações comerciais de agora se atuarmos como eixo de duas forças maiores: uma sul-americana, outra criada, por etapas, em iniciativas compartilhadas com alguns dos maiores países em desenvolvimento. Realismo político é reconhecer que só assim pode o Brasil, o único dos países grandes em desenvolvimento que aceitou privar-se de armamento nuclear, credenciar-se a ser levado a sério pelos Estados Unidos. Realismo político é vislumbrar, mais adiante, dois grandes interesses da nação. Para atendê-los, a política exterior brasileira teria de transformar-se, até radicalmente. Transformar-se, porém em direção oposta ao rumo pretendido por seus antagonistas.

O primeiro interesse é o de trabalhar com muitos governos e com muitas correntes de opinião mundo afora para mudar o sentido da globalização. Buscar globalização que maximize a reconciliação de trajetórias divergentes de desenvolvimento, dentro de uma economia mundial que se abra progressivamente, em vez de maximizar o livre comércio seletivo e hipócrita de hoje (livre para o movimento das coisas, não das pessoas.)

O segundo interesse é o de atuar com outros para ajudar a construir conjunto de contrapesos à hegemonia dos Estados Unidos. Conjunto que viabilize, pacificamente, a transição ao pluralismo ordenado de poder que a humanidade acabará obtendo por meio da guerra se não a puder alcançar dentro da paz.

Para isso, porém, teria o Brasil de pensar grande.

5 de março de 2007